

A REEDUCAÇÃO DO OLHAR

Leitura popular da Bíblia e a emancipação do ser humano na construção de um planeta saudável

Luiz Alexandre Solano Rossi

1. Crise e sobrevivência

Na Bíblia, o meio ambiente é o lugar onde se realiza a história. Assim, podemos dizer que história e natureza estão intimamente ligadas. Da mesma maneira que se constrói a história, é vista e tratada a natureza. Além disso, a natureza na Bíblia não nos é apresentada como um elemento a mais na criação; ao contrário, ela é associada à história humana. Não se pode descrever o pensamento bíblico sobre o meio ambiente sem nenhuma referência à história. Essa informação é essencial para a teologia bíblica. Afinal, sabemos que a ação de Deus e seu encontro com a humanidade se dão na história. A experiência divina com o povo está definida no espaço e no tempo de cada um e de todos nós.

Conseqüentemente, criação e humanidade participam do mesmo destino comum: “os problemas de que trata a ecologia não afetam apenas o meio ambiente. Afetam o ser mais complexo da natureza, que é o ser humano” (GADOTTI, 2000, p. 58). E entre os seres humanos “os mais pobres são os que recebem com maior impacto os efeitos da degradação ambiental, com a agravante de não terem acesso a condições favoráveis de saneamento, alimentação, etc., e não poderem se utilizar dos artifícios de que os mais ricos normalmente se valem para escapar do espaço urbano poluído (LAGO, 1984, p. 56). Isso significa que é preciso superar a visão que separa o ser humano de seu habitat natural: o universo. Já não é mais possível pensar tão-somente na vida e sobrevivência das pessoas. Todavia, a compreensão errônea dessa relação humanidade-meio ambiente tem provocado graves assimetrias: a principal delas é a exploração do homem pelo homem que gera a exploração da natureza. Pode-se dizer: quando não se tem mais respeito pelo seu semelhante, não se tem mais respeito por tudo aquilo que compõe o seu ambiente natural.

No processo de construção da história, a natureza não se apresenta como obstáculo. Muito menos como um elemento que deve ser sacrificado por uma causa maior. Talvez diante da crise que se nos apresenta devêssemos superar o conceito do teocentrismo (próprio da Idade Média), do antropocentrismo (próprio da Modernidade) e pensarmos no conceito do *biocentrismo*. Que fique claro: não é a negação do humano e muito menos do divino. Mas sim o encontro divino-humano ao redor e em defesa da vida.

Mas como a crise se apresenta? Qual o seu rosto e suas manifestações? Como ela nos alcança? Na verdade, vivemos uma crise global. Portanto, uma crise que diz res-

peito a todas as pessoas. Não é uma crise circunscrita ao quintal de uma ou outra pessoa. Mas sim uma crise que nos alcança como humanidade. Uma crise sem precedentes, pois está em jogo a própria sobrevivência humana bem como a sobrevivência do sistema-terra.

Os problemas globais, que estão diante de nós, necessitam de uma resposta que transcenda as diferentes culturas e fronteiras nacionais e permita, além disso, o reconhecimento de um substrato comum de valores. Talvez isso poderia ajudar a construir uma coexistência econômica, social, cultural e ecologicamente viável.

Mas de quais problemas globais estamos falando? Uma pequena lista poderia ser relacionada:

- proliferação humana descontrolada
- caos e divisões na sociedade
- injustiça social
- fome e desnutrição
- aumento descontrolado da pobreza
- a sedução do crescimento
- inflação
- crise energética
- alienação
- aumento descontrolado de núcleos urbanos
- crimes e drogas
- violência e brutalidade contra grupos minoritários
- tortura e terrorismo
- esclerose e inadequação das instituições
- corrupção
- burocratização
- degradação do meio ambiente
- declínio dos valores morais
- perda da fé
- não entendimento dos problemas citados acima e seu inter-relacionamento.

2. A re-educação do olhar

Não seria a leitura um ato único, não importando quem o faça? “Ler é ler”, diriam alguns. Na vida, porém, a coisa não funciona assim. Há muitos tipos de leitura, que dependem de quem faz a leitura e de quais são seus interesses e objetivos nessa leitura.

Diante da necessidade da construção de um planeta saudável se faz necessário reler a questão ecológica a partir da questão da sobrevivência. Fora desta perspectiva é possível que surja um espaço para a fabricação de abusos e manipulações; haveria o início da construção da idolatria do desenvolvimento. Mas devemos nos lembrar que a tríade *humanidade – planeta saudável – libertação* se complementam. Vivem simbio-

ticamente. Estabelecem um relacionamento construtivo e não destrutivo. Sensibilidade e convivialidade se tornam palavra de ordem e não de desordem. É a ordem que emerge em meio ao caos.

O modo como nos aproximamos das Escrituras pode definir nossa prática na sociedade. Uma das aproximações mais utilizadas ao longo de muitas décadas – e que se tornou quase que uma segunda pele dos cristãos – é a leitura fundamentalista. O termo “fundamentalismo” deriva de 12 opúsculos intitulados *The Fundamentals*, publicados nos Estados Unidos, entre 1910 e 1915. Refere-se a um movimento no interior do cristianismo, que dá uma vital importância à infalibilidade da Bíblia e mantém uma forte hostilidade contra a teologia moderna, métodos, resultados e implicações do estudo crítico moderno da Bíblia, e está completamente seguro de que os que não participam de seu ponto de vista religioso não são verdadeiramente cristãos. Podemos dizer que é um movimento antimoderno, que busca manter a todo custo a certeza da cosmovisão pré-moderna, que está sendo questionada pelos descobrimentos das ciências modernas e pela própria dinâmica da história. Uma leitura é fundamentalista quando nega a historicidade dos textos bíblicos, reivindicando para os mesmos o caráter de revelação direta de Deus, e de absoluta inerrância. O que se busca no fundamentalismo é transformar a Bíblia num livro sem história. A própria Bíblia aparece como um sujeito absoluto, a-histórico e universal. Nega-se a história do próprio texto bem como a história dos leitores atuais. Dessa forma, é absolutamente igual o modo como o texto é lido: esteja o leitor no século VIII ou na atualidade. Ao mesmo tempo em que dota a Escritura de uma aura mística, quase fantasiosa, o fundamentalismo preenche o ato de ler com características redutoras e hermeneuticamente inaceitáveis, quais sejam:

- a. *doutrinismo* – a Bíblia torna-se fonte de confirmação das doutrinas já acalentadas e mantidas pelos seus leitores; ao invés de Palavra de Deus, que fala e age na história dos seres humanos, é considerada mero repositório de proposições doutrinárias que, de fato, não são outras senão as doutrinas fundamentais já previamente definidas. Como consequência desta característica da leitura fundamentalista, a diversidade de teologias e perspectivas existentes na Bíblia é desconsiderada, perdendo a Escritura o seu caráter crítico e profético; simultaneamente, os leitores da Bíblia deixam de ser construtores de saber teológico – permanecem como meros reprodutores de doutrinas já tornadas irrelevantes e ininteligíveis na maior parte dos casos;
- b. *individualismo* – outra característica fundamentalista é a redução individualista do ato de ler e do próprio significado do texto. O que se busca é “o que a Bíblia quer dizer para mim”, em que esse “mim” é uma mônada, sendo completamente ignorada a sociedade da qual o mesmo faz parte. Esse individualismo, por sua vez, também se remete aos próprios textos, considerados obra de indivíduos especiais, gênios religiosos direta e magicamente inspirados por Deus para escrever a verdade eterna e a-histórica e des-contextual. Conseqüentemente, a Escritura perde o seu caráter social, cultural e histórico, e sua mensagem é grandemente reduzida aos interesses individuais e egocêntricos de seus leitores;

- c. *espiritualismo* – sendo negado o caráter histórico e contextual das Escrituras, resta afirmar seu caráter espiritual. Enquanto cosmovisão bíblica, o espiritual é aquilo que vem de Deus e cria vínculos entre o ser humano e Deus. Na leitura fundamentalista, espiritual é o oposto de material – entendido o material como aquilo que é histórico, social, cultural, em uma palavra: humano.
- d. *moralismo* – por fim, a leitura fundamentalista da Bíblia confunde a perspectiva ética da fé cristã com o moralismo típico da classe média branca norte-americana, na qual surgiram os avivalismos evangélicos (século XIX e início do século XX).

A Leitura Popular da Bíblia é uma das ferramentas que nos podem ajudar a superar os limites e ameaças da leitura fundamentalista. Talvez devêssemos olhar mais de perto os pilares da Leitura Popular da Bíblia, que foram estabelecidos como: Realidade (o ponto de partida é a realidade vivida pelo povo), Comunidade (o individualismo perde o seu lugar de destaque; a leitura passa a ser essencialmente uma atividade comunitária) e Escritura (o texto bíblico não é visto mais como um fim em si mesmo, mas é um instrumento a favor da ação da comunidade cristã no mundo) e nos deter no primeiro deles. A partir da realidade deveria ser possível olhar para aquilo que está além do ser humano. Além, mas não necessariamente distante e/ou excludente. A partir da realidade é possível vislumbrar a Terra como paradigma para a Leitura Popular da Bíblia. Uma leitura que permitisse germinar novos mundos, onde todos os seres humanos pudessem conviver e crescer.

Contudo, devemos lembrar que a Leitura Popular da Bíblia produziu uma ruptura paradigmática ao reforçar o povo como sujeito da construção da realidade e, por extensão, de um planeta saudável. A planetaridade surge como novos óculos para enxergar o projeto de Deus. Assim, a Bíblia não só nos revela a Palavra de Deus, mas também nos revela onde e como Deus se revela em nossa história. Muitas vezes achamos – por causa do fundamentalismo – que Deus falou somente no passado e que depois emudeceu; tudo o que Deus tinha a dizer estaria na Bíblia e para escutar a Deus teríamos somente que ler o que a Bíblia diz. Contudo, a partir do profundo interesse pela Bíblia surgiu uma nova concepção de revelação, importantíssima para compreender a interpretação popular: Deus não falou somente no passado, mas continua falando a partir da realidade do nosso planeta e da sobrevivência humana.

Mas, quais seriam as possíveis bases da re-educação do olhar? Talvez a palavra-chave para o estabelecimento dessas bases seja a palavra “consciência”:

- 1) consciência planetária: a comunidade de destino da humanidade deve se inscrever na comunidade de destino terrestre (MORIN, 1993, p. 69);
- 2) consciência relacional: valorização da dimensão holística que obriga a considerar o mundo do ponto de vista das relações e integrações e não a partir de entidades isoladas, hierárquicas e cristalizadas;

- 3) consciência de responsabilidade e interdependência: o bem-estar e a saúde do planeta bem como da humanidade é o resultado da ação responsável e interdependente entre as pessoas;
- 4) consciência de uma nova pedagogia: uma pedagogia para a reeducação do homem e do seu olhar, principalmente do homem ocidental, prisioneiro de uma cultura cristã predatória. E, por que não falar, de uma leitura “sustentável” da Bíblia, com o objetivo de que a Terra não continue sendo considerada apenas como espaço de nosso sustento e de domínio tecnológico;
- 5) consciência de cidadania: ampliar o conceito de cidadania, que inclua o outro excluído mas que também supere o fosso criado por uma cultura que separou o mundo da natureza do mundo da cultura.

Por muito tempo enxergamos a vida apenas pela percepção que temos da nossa vida e do domínio sobre a vida dos animais e das plantas. Mas, como nos lembra Gadotti: “A cosmovisão ocidental cristã, capitalista e machista, sobrevaloriza o domínio da Terra. Orientados por essa visão, nos aproximamos dela apenas na medida em que ela pode ser útil para nós” (GADOTTI, p. 196). Todavia, essa visão é por demais insuficiente e inadequada para a compreensão da nossa realidade. Esquecemos da “hipótese Gaia”, que concebe a Terra como um superorganismo vivo, complexo e em evolução. Segundo Morin:

“A Terra não é a soma de um planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade. A Terra é uma totalidade complexa física/biológica/antropológica, onde a vida é uma emergência da história da Terra, e o homem, uma emergência da história da vida terrestre. A vida é uma força organizadora biofísica em ação na atmosfera que ela criou, sobre a terra, sob a terra, nos mares, onde ela se espalhou e se desenvolveu. A humanidade é uma entidade planetária e biosférica” (1993, p. 69).

A reeducação do olhar, através da Leitura Popular da Bíblia, traz suas contribuições e sela o compromisso da busca coletiva e planetária por uma Terra sustentável e um planeta saudável. Uma leitura a partir do fundamentalismo reforça o modelo dominante de desenvolvimento capitalista globalizado, que reduz o desenvolvimento humano ao crescimento econômico, concentra poder e recursos, fomenta desigualdades de toda ordem e destrói o meio ambiente. Contudo, a leitura da Bíblia, a partir do paradigma da Terra, nos leva a perceber que não somos cidadãos de um país em especial, mas somos sim cidadãos da Terra.

Bibliografia

- BOFF, L. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.
- *Princípio-Terra: volta à terra como pátria comum*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUCHROW, U. *Shalom: biblical perspectives on creation, justice and peace*. Genebra: WCC Publications, 1989.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

LAGO, A. e PÁDUA, J.A. *O que é ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOLTMANN, J. *Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORIN, E. e KERN, A.B. *Terre-Patrie*. Paris: Seuil, 1993.

Luiz Alexandre Solano Rossi
Rua Paranaguá, 565 – Bloco 10 – Apto. 04
87020-190 Maringá, PR
e-mail: alexandresolano@ig.com.br